

O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho

Carolina Macedo Teykal

Faculdade do CCAA

Maria Lúcia Rocha-Coutinho

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)*

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados de um estudo exploratório em que se procurou observar como as mudanças recentes na vida das mulheres de classe média vêm afetando os homens atuais. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com 5 homens cariocas de 28 e 45 anos casados com mulheres que trabalham. Os textos resultantes de transcrição das entrevistas foram submetidos a uma análise de discurso. Nota-se no discurso uma valorização da mulher profissional, embora as falas reforcem a idéia de valorização do trabalho remunerado, bem como um aumento da participação feminina no orçamento familiar e masculina no espaço doméstico, apesar desta participação do cônjuge se situar muito mais no plano da “ajuda”. Os resultados apontam, assim, para algumas mudanças no comportamento dos homens, pelo menos no plano do discurso, que esbarram ainda, contudo, em antigas idéias acerca do papel e da posição de homens e mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Homem; trabalho feminino; provimento financeiro; cuidados domésticos.

ABSTRACT

Contemporary men and women's insertion in the job market

In this article we present the results of a study in which we observed how recent changes in the lives of middle-class women have affected contemporary men. We interviewed 5 men from Rio de Janeiro, Brazil, aged 28 to 45, married with women who work outside the home. The interviews were semi-structured, tape-recorded and fully transcribed, and the resulting texts were submitted to a discourse analysis. We observed in their discourses that professional women were appreciated, although their speech reinforces the idea of paid work as positively valued. We could also note an increase in the participation of women in the family budget as well as of men in household care, although this participation is seen more in terms of “help”. The results, then, seem to point to some changes in the behavior of men, at least in terms of discourse, although these changes still run into old ideas related to the role and position of men and women in society.

Keywords: Men; women's work; family providing; household care.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, mais especificamente a partir do final dos anos de 1960 e início de 1970, as mulheres, especialmente as das camadas médias e altas da sociedade – uma vez que as mulheres das classes mais baixas sempre tiveram que trabalhar para buscar o seu sustento e/ou ajudar no sustento da família –, vêm assumindo um espaço cada vez maior no mundo público do trabalho remunerado, um mundo que, até bem pouco tempo atrás, era considerado quase que exclusivamente masculino. Aos poucos, as mulheres foram se inserindo e conquistando posições de maior poder e prestígio nos mais diversos setores profissionais, inclusive nas grandes corporações na-

cionais e multinacionais, e hoje se encontram quase que em igualdade com os homens no mercado profissional.

Estas mudanças, que, como aponta Jablonski (1991), foram, em grande parte, decorrentes dos Movimentos Feministas da década de 1960, que “desnaturalizaram” as antigas identidades de homens e mulheres, questionando esferas da vida social as mais diversas – como a família, a sexualidade, a divisão sexual do trabalho público e doméstico, entre outras –, bem como da ampliação das necessidades de consumo, que teve como uma de suas conseqüências a busca do aumento da renda familiar através do trabalho remunerado também das mulheres, alteraram não apenas o espaço público como também a esfera privada da família.

Hoje, embora ainda seja mais difícil para as mulheres assumir cargos de maior poder e prestígio, elas estão ampliando seu campo de atuação profissional e investindo cada vez mais em uma boa formação acadêmica, tentando alcançar, com isso, maiores e melhores oportunidades no mercado de trabalho público. Também na esfera privada, ainda que a maioria das mulheres continue a se sentir a principal responsável pelos cuidados com a casa e a família, já podemos assistir a uma maior participação masculina no lar, especialmente no que diz respeito aos cuidados com os filhos (Rocha-Coutinho, 2003a).

Este cenário, que pode ser presenciado hoje e é encarado, muitas vezes, como algo tão “natural”, nem sempre teve esta configuração. Valores, atributos e expectativas, assim como discursos, são construções sociais que se originam num contexto sociocultural específico e num determinado espaço de tempo. Com isso, queremos dizer que, em momentos de transição como o que estamos vivendo agora, coexistem, muitas vezes de forma contraditória, no interior dos sujeitos, ainda que nem sempre de maneira consciente, conceitos antigos e mais atuais sobre o lugar e o papel de mulheres e homens na sociedade.

Consideramos este um momento de transição, posto que, devido às inúmeras transformações por que vêm passando as sociedades modernas nesta virada do século XX para o século XXI, os antigos conceitos culturais de classe, gênero, etnia, raça, sexualidade e nacionalidade, entre outros, que antes nos forneciam sólidas localizações como indivíduos estão se fragmentando, acarretando também mudanças em nossas identidades pessoais, isto é, abalando a antiga idéia que tínhamos de nós mesmos como um sujeito integrado em torno de “eu” coerente e coeso.

Podemos dizer, portanto, que, em decorrência destas inúmeras transformações por que vem passando o mundo atual, estamos vivendo hoje o que alguns teóricos vêm denominando uma “crise de identidade”. Nas palavras de Hall (2002):

As velhas identidades, que por tanto tempo estabeleceram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p. 7).

Todas essas mudanças geraram uma proliferação de discursos que, no momento atual, são rapidamente transportados por todo mundo com o avanço do pro-

cesso de globalização. Este é, portanto, um fenômeno mundial, que ultrapassa as fronteiras nacionais e conecta comunidades distantes através do *click* de um único botão de computador, bem como através da mídia, que se propaga com uma rapidez nunca antes sonhada. A velocidade com que se configuram e se deslocam os múltiplos modelos de identidade existentes faz com que a identidade individual fique sujeita a possibilidades de identificações distintas, que constantemente se apresentam aos sujeitos, tornando impermanente e efêmera a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo. A perda dos antigos referenciais, que marcavam as antigas identidades sociais e individuais, vem levando os indivíduos a tentar buscar novos referenciais, inclusive aqueles que dizem respeito aos papéis de gênero. Tais papéis, que antes eram muito bem estruturados, acabaram por incorporar formas plurais e fragmentadas de identificações, muitas vezes contraditórias, que caracterizam o sujeito contemporâneo. Nas palavras de Hall (2002),

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos ao mesmo tempo de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado (p. 88).

No caso dos homens, acreditamos que, em grande parte, o espaço deixado pela ausência da mulher das camadas médias de casa ao se inserir no mercado de trabalho, juntamente com a cobrança social que tem recaído sobre os homens para que expressem um comportamento mais participativo e envolvente nos relacionamentos afetivos e familiares, vem contribuindo para o surgimento de uma nova concepção de masculinidade, de modo geral, e de paternidade, em particular. Welzer-Lang (2001), por exemplo, aponta que, apesar de ainda lenta e gradual, já se pode perceber uma mudança nas relações entre os sexos e nos homens, de modo geral. Em suas palavras,

Em parte a dominação [masculina] perdura, mas preferencialmente ela se pulveriza e perde sua acuidade opressiva. Ao mesmo tempo, o gênero masculino se modifica, integra outros conteúdos, outros valores (Welzer-Lang, 2001, p. 471).

Esse novo homem e novo pai, contudo, tem sido retratado como um homem que tem uma boa formação educacional, uma renda elevada, geralmente provém das classes média e alta da sociedade, e se afirma em ruptura com o modelo masculino tradicional, e suas companheiras, quase sempre, são profissionais que

não estão dispostas a abrir mão da carreira para se tornarem mães em horário integral (Badinter, 1993). Hennigen & Guareschi (2002), contudo, em seu artigo sobre os discursos midiáticos produzidos para e sobre os pais, apesar de concluírem que a participação paterna é uma forma de tornar as relações entre os casais mais igualitárias, apontam para o fato de ser comum ainda hoje aparecer nos comerciais a dicotomia entre o pai tradicional – aquele que não participa do cuidado com os filhos e que, ao tentar se envolver, aparece como um trapalhão – e o “novo” pai, que reflete a imagem desse “novo” homem, mais participativo nos afazeres domésticos e nos cuidados e educação dos filhos.

Também Gomes & Resende (2004) apontam que a cultura patriarcal teve como um de seus efeitos o distanciamento do homem da cena familiar, composta basicamente pela mãe e seus filhos. Contudo, a entrada da mulher das camadas médias no mercado de trabalho veio quebrar a hierarquia doméstica e iniciar indagações referentes à autoridade paterna. A dependência financeira da mulher em relação ao marido e o medo da discriminação social acarretada por uma separação foram, sem dúvida, razões importantes para a manutenção de inúmeros matrimônios no passado. Por isso, segundo eles, o trabalho remunerado feminino constituiu um momento de virada nessa dinâmica do poder conjugal, uma vez que, através da independência econômica da mulher, novos arranjos se tornaram possíveis no âmbito familiar. No entanto, os autores alertam que “a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação dos valores” (Gomes e Resende, 2004, p. 120) e, por isso, podemos observar que, não apenas a identidade feminina, mas também a masculina, transitam, no momento atual, por modelos tradicionais e modernos, sem que um necessariamente exclua o outro.

Pode-se afirmar, assim, que, com as mudanças nas antigas identidades femininas e masculinas, várias questões se levantam hoje acerca dos papéis e expectativas com relação ao comportamento do homem contemporâneo, entre as quais podemos apontar: Como os homens das camadas médias e altas estão percebendo essa nova mulher que investe em um maior desenvolvimento profissional e pessoal? Tendo em vista que persistem, ainda que de forma muitas vezes velada, em nossa sociedade diferentes formas de discriminação com relação a mulheres e homens, tanto no espaço público quanto privado – em termos de desigualdades salariais e de responsabilidades pelo cuidado com a casa e os filhos, por exemplo –, como os homens estão vendo a mulher que trabalha ao seu lado e que agora compete com ele por um lugar no mercado de trabalho? Como eles vêem o fato de sua esposa/companheira sair para trabalhar fora de casa? Como eles perce-

bem a atuação de suas mulheres nos espaços doméstico e público? Que mudanças eles estão sentindo na atuação de homens e mulheres na esfera doméstica e como eles estão encarando estas mudanças? Que arranjos são feitos dentro de casa para que a mulher possa se dedicar também à sua carreira profissional?

Tendo essas questões em mente, desenvolvemos um estudo exploratório em que buscamos melhor entender como os homens vêem a inserção de suas companheiras, e das mulheres, de modo geral, no mercado de trabalho e que mudanças se pode observar nas visões e comportamentos masculinos com relação à divisão de despesas e responsabilidades na esfera doméstica.

METODOLOGIA

Nesse estudo, entrevistamos 5 homens residentes na cidade do Rio de Janeiro, na faixa etária de 28 a 45 anos, que trabalhavam em empresas e que eram casados ou mantinham um relacionamento estável de co-habitação com mulheres que trabalhavam fora de casa.

As entrevistas eram semi-estruturadas, isto é, apesar de se assemelharem a uma conversa informal, seguiam um roteiro previamente estruturado com base nas questões a serem investigadas. Todos os tópicos do roteiro foram abordados pelos entrevistados, mesmo que para isso o entrevistador tivesse que intervir quando necessário, ou seja, sempre que o entrevistado deixasse de falar sobre alguma das questões da pesquisa o entrevistador fazia perguntas relativas a ela.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em data, horário e local marcados com cada sujeito de acordo com sua disponibilidade. Todas elas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, preservando-se, de forma mais fiel possível, a fala dos entrevistados. Os textos resultantes das transcrições foram submetidos a uma Análise de Discurso (Rocha-Coutinho, 1998).

A Análise de Discurso como nós a estamos entendendo aqui considera o discurso como uma forma de ação sobre o mundo e sobre as pessoas, e critica a concepção de que a linguagem seria um meio de comunicação neutro, não-ambíguo e transparente. Ao contrário, a Análise de Discurso aponta para o fato de que a linguagem reflete e reforça ideologias e é um importante instrumento de poder e de manutenção do *status quo*. Assim, objetivamos problematizar em nosso estudo aquilo que parece natural e familiar, na tentativa de revelar formas de ser e agir, relações de poder, formas de dominação e resistência, entre outras questões presentes nos discursos dos nossos entrevistados, bem como o tipo de ideologia que estaria por trás destes discursos (ver Fairclough, 2001; Pinto, 1999; Rocha-Coutinho, 1998).

Os discursos dos entrevistados foram analisados segundo categorias por nós estabelecidas a partir da fala dos entrevistados e do material teórico que embasou nosso estudo, e, na análise, procuramos destacar os aspectos semelhantes e divergentes na fala dos entrevistados para cada uma das seguintes categorias: Visão sobre o trabalho da mulher; Formas de trabalhar de homens e mulheres; Divisão do orçamento doméstico; Divisão das responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos.

1 Visão sobre o trabalho da mulher

Esta categoria engloba a percepção geral dos entrevistados sobre o trabalho feminino remunerado, além de abranger o significado do trabalho doméstico e a importância da vivência profissional de suas esposas/companheiras.

Para os entrevistados 1, 2 e 4, as mulheres hoje querem ser mais independentes, ou seja, não querem mais depender de ninguém, inclusive do marido/companheiro. Elas desejam conquistar seu espaço, seu lugar na sociedade, uma vez que, como afirma o entrevistado 1:

O trabalho de ficar em casa, *apesar* de ser trabalho, não é reconhecido e acho que isso, essa falta de reconhecimento, levou mais as mulheres para o mercado de trabalho.

Esta frase é muito significativa, pois o entrevistado utiliza o verbo “ficar”, que é um verbo estático, para se referir ao trabalho doméstico e, posteriormente, ao utilizar a expressão “apesar de ser trabalho”, parece estar fazendo uma concessão, para, ao término da frase, apresentar a seguinte conclusão: “o trabalho doméstico não é reconhecido”.

Mesmo não aparecendo nas outras entrevistas uma sentença tão explícita quanto esta, todos os entrevistados enfatizaram o fato de que a mulher quer ser valorizada, quer ser útil, pois, como se pode observar acima, ficar em casa não é socialmente reconhecido.

Implícito nesta questão está a importância atribuída ao trabalho fora de casa, devido ao potencial que este apresenta de valorizar e remunerar as pessoas, que passam a se sentir mais seguras e confiantes, aumentando, muitas vezes, sua auto-estima.

Também foi apontada pelos entrevistados a importância do casal trabalhar para aumentar sua renda e, conseqüentemente, possibilitar um maior conforto material e aumentar o status social da família, o que pode ser evidenciado em trechos como o seguinte:

Se ela não trabalhasse fora a gente não tinha construído, né, não tinha hoje uma casa, não teria carro, não teria uma estrutura que a gente tem hoje, que aí seria muito mais difícil pra mim (Sujeito 4).

Esta situação é ratificada na seguinte fala do sujeito 3:

Olha para o status que nós chegamos, para o nível de vida que nós chegamos, se ela não trabalhasse nós não teríamos.

2 Formas de trabalhar de homens e mulheres

Nesta categoria observamos as diferenças e as semelhanças percebidas pelos entrevistados no modo de trabalhar de homens e mulheres. Em suas falas, pudemos observar considerações acerca das características subjetivas inerentes a uma forma feminina de trabalho.

Em relação ao modo de trabalhar, as opiniões ficaram bem divididas, sendo que três dos entrevistados (2, 4 e 5) acreditam que há diferença enquanto que os outros dois (1 e 3) não percebem nenhuma distinção quanto à forma de trabalho, explicando que as possíveis diferenças estão ligadas ao fato de que as pessoas são diferentes e não necessariamente dizem respeito ao seu sexo. O entrevistado 4 defende a primeira versão e afirma que a diferença na maneira de trabalhar de homens e mulheres está em um maior “refinamento”, um maior “capricho” na execução das tarefas por parte das mulheres:

acho que a mulher é mais refinada então consegue lidar com algumas atividades com mais capricho do que o homem, não quer dizer que ele não seja caprichoso, mas tem o, o dedozinho da mulher que faz a diferença nesse caso.

Embora haja essa divergência, todos os entrevistados apontaram certas características muito semelhantes ao se referirem às mulheres no ambiente de trabalho, tais como o fato de serem mais sensíveis, caprichosas, detalhistas, refinadas, delicadas, minuciosas, fáceis de lidar e cuidadosas, traços tradicionalmente associados às mulheres.

Um dos entrevistados estabelece uma correlação entre estas características e o fato da mulher ser criada como responsável pela casa e pelos filhos:

acho que vem daquele de família mesmo né, de cuidar da casa, de cuidar dos filhos, acaba cuidando de certas atividades dentro da empresa dessa forma, com mais cuidado.

Também apareceu no discurso de dois dos entrevistados aquela antiga idéia de que se deve tratar a mulher de modo diverso do homem, o que significa ser mais educado, não falar palavrão e coisas desse tipo, como definiu um deles:

Você tem que moderar o linguajar (sujeito 1).

Em um outro momento, este mesmo entrevistado afirma:

Você tem que ver que se fosse com um homem vocêalaria de um jeito, o que não é o mesmo caso como eu trataria uma mulher.

3 Divisão do orçamento doméstico

Nesta categoria observamos a maneira como o orçamento familiar é dividido entre os cônjuges, isto é, qual a responsabilidade financeira de cada um no sustento da casa.

Aqui quase todos os entrevistados afirmaram, num primeiro momento, que “tudo é dividido”, exceto o entrevistado 5 que diz, sem hesitar, que não divide as contas do lar e que o dinheiro da esposa serve para pagar o plano de saúde dela e as “coisinhas” que ela compra.

Mesmo iniciando seus discursos da maneira como foi descrita acima, os entrevistados 1, 2, 3 e 4 que, a princípio, falaram em uma divisão igualitária, a seguir explicitaram melhor como essa divisão se dá.

É interessante assinalar aqui primeiro uma fala comum aos entrevistados 1 e 2, a de que “a divisão tem de ser proporcional aos rendimentos de cada um”. A seguir, o entrevistado 2 se justifica dizendo que ele sustenta a casa sozinho porque a esposa ganha pouco, mas quando seu salário aumentar eles vão dividir meio a meio os custos da casa. O entrevistado 1, que apresenta o mesmo argumento, afirma a seguir que é ele quem paga as contas pesadas, como, por exemplo, o aluguel, e que as contas auxiliares, como luz e telefone ficam por conta de sua mulher.

Já o entrevistado 4 afirma:

Quem sustenta sou eu, quem dá o plus a mais em cima de qualquer coisa é ela, dá aquele complemento é com ela.

Podemos perceber, assim, que, por trás do discurso moderno de divisão dos pagamentos e contas entre os pares, os homens continuam se situando como os “principais provedores financeiros”, pois a maior parte dos entrevistados não nega a participação da mulher no custeio das despesas, mas esta é vista como uma ajuda ou auxílio. Um exemplo bem claro disso aparece na fala do entrevistado 4:

se eu não tenho condições de abraçar tudo aquilo, ela vai pegar e assumir a parte até que *eu* possa ter condições de falar não.

O único entrevistado que apresenta um discurso distinto é o 3, pois, no seu caso, a esposa recebe um salário maior que o dele. Assim, ele afirma:

Eu acho que hoje não faz bem nem pra um nem pra outro se não tiver a participação, obviamente tem casais que a gente conhece que o cara ganha muito mais e comparece com quase tudo, e a mu-

lher só compra roupa, apesar de trabalhar né, mas você vê que ela só compra roupa.

4 Divisão das responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos

Esta categoria envolve os arranjos que são feitos e estão relacionados à manutenção do lar e cuidados com os filhos, isto é, se é feita ou não uma divisão de tarefas em casa e que parte cabe a cada parceiro nesta divisão.

O entrevistado 1, que não tem filhos, enfatiza que a divisão das tarefas pode até ser acordada pelo casal, porém acha que o mais importante é essa divisão ser feita naturalmente:

Eu acho que é, não tem que ser uma coisa obrigatória, no dia quem tá com vontade faz.

O entrevistado 2, também sem filhos, é o único que reclama da divisão de tarefas em casa, pois considera que, apesar de trabalhar mais que a esposa, quando chega em casa ainda é responsável pela maior parte das atividades domésticas. Ele acredita que a esposa deveria participar mais desse tipo de atividades e que no futuro elas serão melhor divididas, dando o seguinte exemplo:

se eu faço o lanche, ela deveria lavar a louça, ou se ela fizer o lanche, eu lavo a louça ... acho que tem que ser assim.

O entrevistado 3 diz que a esposa viaja muito e que, nessas ocasiões, ele pede auxílio a sua mãe para ajudá-lo a cuidar dos filhos; mas, quando sua esposa está em casa, eles dividem tudo. Esse entrevistado acha que o trabalho de sua mulher não interfere na organização da casa porque eles têm uma empregada que se encarrega das tarefas domésticas e uma babá que busca os filhos no colégio e toma conta deles até que um dos dois chegue do trabalho. Nos fins de semana, eles deixam os filhos escolherem a programação da família, que, geralmente, fica toda reunida. Ele conclui afirmando:

Esse sempre foi até agora ... o melhor arranjo, cada um faz um pouco e tudo o que é dividido não fica pesado pra ninguém.

No discurso do entrevistado 4 podemos observar várias semelhanças com o que foi dito pelo entrevistado 3, tanto em relação a ter uma empregada que ajuda nas atividades do lar, como no que diz respeito à participação da avó para ajudar no cuidado das crianças e ao fato de reservar o final de semana para se dedicar aos filhos e realizar o que não pode ser feito durante a semana. Porém, podemos observar uma diferença no que concerne à divisão das tarefas entre os membros do casal:

A gente procura tá sempre dividindo pra não sobrecarregar. Mesmo assim ainda tem aquele lado, isso aqui é mais pro que, pra ela fazer, isso é mais pra ele fazer.

Diferentemente do entrevistado 3, o entrevistado 4 explicita o tipo de atividades que ele realiza e as atividades realizadas por sua esposa: dar um jeito na casa e fazer o almoço é com sua mulher, enquanto que fazer supermercado é ele quem faz.

Por último, o entrevistado 5 define sua divisão de tarefas da seguinte forma:

das crianças eu divido, mas arrumar a casa assim essas coisas não, mas olhar as crianças eu olho sim.

Ao longo do seu discurso, contudo, ele menciona que tem uma tia que os ajuda com as crianças, mas que ele não realiza qualquer tipo de tarefa doméstica, apenas “olha” as crianças e dá banho no filho mais velho.

CONCLUSÃO

Podemos observar que todos os nossos entrevistados fazem menção a uma desvalorização do trabalho doméstico, ou seja, uma desvalorização da mulher dona-de-casa em decorrência de uma valorização da “mulher profissional”.

Também se pode perceber, acerca do trabalho feminino, a idéia de que as mulheres querem ser economicamente independentes e conquistar seu lugar na sociedade e, a partir daí podemos constatar a importância do trabalho remunerado como elemento valorizador das pessoas.

Quanto às diferenças na forma de trabalhar de homens e mulheres, são atribuídas às mulheres características tradicionalmente atribuídas ao sexo feminino, tais como ser sensível, delicada e caprichosa, entre outras, e que estão sendo atualmente consideradas positivas no âmbito profissional (Rocha-Coutinho, 2003b).

No que diz respeito à divisão do orçamento doméstico, apesar de um visível aumento da participação feminina, o homem ainda se situa como o “principal” provedor financeiro da família. Apesar disso, a maioria dos entrevistados reforça a idéia de uma divisão igualitária com relação às despesas da casa, o que nem sempre é possível, segundo eles, pois, normalmente, a remuneração feminina é inferior à masculina. Contudo, podemos observar a importância atribuída por eles ao trabalho feminino, através de frases do tipo: “*se ela não trabalhasse, não teríamos o status que temos hoje*”.

Podemos notar ainda a esse respeito que dois de nossos entrevistados fazem uso de discursos inteira-

mente opostos: o entrevistado 3 afirma que as despesas devem ser divididas pelo casal e critica o tipo de organização financeira defendida pelo entrevistado 5, que afirma que a ele cabe a responsabilidade pelo provimento financeiro da casa e que o dinheiro de sua mulher é para comprar as “coisinhas” dela. Pode-se perceber, desta forma, que parecem coexistir dois modos de funcionamento no que tange à divisão das despesas domésticas num mesmo momento histórico.

No que diz respeito à divisão das responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos, a fala da maioria dos entrevistados aponta para uma mudança, ainda que bastante tímida – posto que a responsabilidade pela casa e filhos continua nas mãos da mulher e a participação deles é vista mais como uma “ajuda” –, no comportamento masculino, que se mostra mais participativo em decorrência da ausência da mulher do espaço privado para se dedicar a um trabalho remunerado. Cabe destacar aqui o caso do entrevistado 2, que realiza todos os afazeres domésticos, sentindo, assim, o peso da dupla jornada de trabalho.

Também se pode observar aqui que todos os entrevistados que têm filhos (3, 4 e 5) afirmaram contar com a ajuda de parentes para auxiliar nos cuidados com as crianças. É interessante notar que em nenhum dos arranjos foi citada a opção de colocar os filhos na creche. Cabe assinalar, ainda, que os entrevistados 3 e 4 afirmaram compensar o que não podem fazer com as crianças durante a semana nos finais de semana, quando aproveitam o tempo livre com a família.

Podemos concluir assinalando que, em nosso estudo, pudemos observar uma série de mudanças nas visões, atitudes e comportamentos masculinos, a julgar pelos discursos de nossos entrevistados, ainda que muitas contradições ainda se façam presentes. Parece, assim, que estamos vivenciando um momento de transição em que os papéis e posturas de homens e mulheres se encontram em processo de mudança, com novas e antigas visões e comportamentos se sobrepondo, por vezes, de forma contraditória.

REFERÊNCIAS

- Arihla, M., Ridenti, S., Medrado, B. (Orgs.). (1998). *Homens e masculinidade: outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora 34.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. M. I. Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 2, 119-125.
- Hall, S. (2002). *Identidades culturais na Pós-modernidade*, (7ª ed.). Trad. T. Tomaz, & L. L. Guacira. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2002). A paternidade contemporânea: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. *Psicologia & Sociedade, 14*, 1, 44-68.
- Jablonski, B. (1991). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Pinto, M. J. (1999). *Comunicação e discurso: Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Hacker Editores.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise do discurso em psicologia: Algumas questões, problemas e limites. In L. Souza, M. F. Quintal de Freitas, M. M. P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003a). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica, 15*, 2, 93-108.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003b). Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira e as relações familiares. In T. Ferrer-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, pp. 57-78.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas, 9*, 2, 460-482.

Autores:

Carolina Macedo Teykal – Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela UFRJ, Professora da Faculdade do CCAA.

Maria Lúcia Rocha-Coutinho – Professora Associada Aposentada do Curso de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, UFRJ, e Professora Titular do Mestrado em Psicologia Social, UNIVERSO.

Endereço para correspondência:

MARIA LÚCIA ROCHA-COUTINHO
Rua Engenheiro Cortes Sigaud, 187 ap. 401 – Leblon
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Fone: (21)2294-9452
E-mail: mlrochac@imagelink.com.br